

## Representação LGBTQIA+ nas séries de televisão a cabo estadunidense

### *LGBTQIA+ representation in US cable television series*

Kênia MAGALHÃES<sup>1</sup>  
Mariana Ramalho PROCÓPIO<sup>2</sup>

#### Resumo

A representação LGBTQIA+ na televisão é crucial para formar a identidade e a consciência social. Contudo, este meio exclui frequentemente estas identidades e perpetua estereótipos majoritariamente prejudiciais. A GLAAD, organização fundada em resposta à cobertura difamatória da AIDS, promove uma representação positiva e responsabiliza os meios de comunicação. Seus relatórios "Where We Are on TV" despertam debates e fornecem dados para a criação de narrativas diversas e inclusivas. O presente estudo analisou os relatórios da GLAAD sobre diversidade nas séries de televisão a cabo estadunidense, que constatou um aumento de personagens LGBTQIA+, mas um desequilíbrio entre as identidades. Isto realça a necessidade contínua de melhorar a representação na televisão.

**Palavras-chave:** Representação. LGBTQIA. Televisão. Diversidade. Séries.

#### Abstract

LGBTQIA+ representation on television is crucial in shaping identity and social awareness. However, this medium often excludes these identities and perpetuates mostly harmful stereotypes. GLAAD, an organization founded in response to the defamatory coverage of AIDS, promotes positive representation and holds the media accountable. Its "Where We Are on TV" reports spark debate and provide data for the creation of diverse and inclusive narratives. This study analyzed GLAAD's reports on diversity in American cable television series, which found an increase in LGBTQIA+ characters, but an imbalance between identities. This highlights the ongoing need to improve representation on television.

**Keywords:** Representation. LGBTQIA. Television. Diversity. Series.

---

<sup>1</sup> Graduanda de Secretariado Executivo Trilíngue na Universidade Federal de Viçosa (UFV).  
E-mail: keniamag88@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Linguística do Texto e do Discurso (UFMG). Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: mariana.procopio@ufv.br

## Introdução

A representação de grupos marginalizados, como a comunidade LGBTQIA+<sup>3</sup>, na mídia desempenha um papel significativo na construção da identidade e nas percepções sociais. Segundo Foucault (1999), em uma sociedade marcada pela heteronormatividade, os membros desses grupos enfrentam desafios na formação de identidades devido à falta de representações que reflitam a realidade. A mídia, muitas vezes, exclui diferentes identidades em favor de outras consideradas normativas.

Os retratos midiáticos são frequentemente baseados em estereótipos (lésbicas mais masculinizadas, gays afeminados, bissexuais infiéis, pessoas transgênero prostitutas) e mitos, levando a imagens negativas e tendenciosas. Esse tema tem sido debatido por Stuart Hall (2003), que estuda o papel da representação da mídia na construção da identidade social e na perpetuação de estereótipos nocivos. Além disso, essas expressões caricatas geram uma representação problemática que pode perpetuar as desigualdades sociais e políticas.

À medida que o movimento contra os estereótipos ganha força, contudo, a comunidade LGBTQIA+ está moldando novas formas de ser, desafiando a representação negativa e lutando por autoafirmação, inclusão e direitos. Por conseguinte, foi formada a Gay & Lesbian Alliance Against Defamation – GLAAD.

Fundada em 14 de novembro de 1985, em Nova York, Estados Unidos, por um pequeno grupo de jornalistas e escritores, seu nascimento foi uma resposta à cobertura sensacionalista e difamatória da epidemia de AIDS do jornal estadunidense New York Post. É importante ressaltar que, nesta época, uma parcela significativa da população, inclusive médicos, considerava a doença uma "peste gay", relacionando-a a estilos de vida e comportamentos de homens homossexuais, embora existam casos relatados em mulheres, bebês, hemofílicos e pessoas que autoinjetam drogas (CNN, 1993).

Desde a sua fundação, a organização tem um impacto significativo na promoção da representação cultural positiva da comunidade LGBTQIA+, ao mesmo tempo em que promove a compreensão e a responsabilidade das plataformas de mídia sobre a disseminação da desinformação. Como exemplo, os relatórios anuais “Where We Are on

---

<sup>3</sup> LGBTQIA+: Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros, queers, interssexuais, assexuais e mais. A sigla foi oficialmente adotada para promover a visibilidade e a proteção dessas pessoas, reconhecendo a importância delas e promovendo a diversidade e a inclusão (Hooks, 1992; Warner, 2002).

TV” desempenham um papel importante não apenas estimulando conversas nacionais sobre a representação LGBTQIA+, mas também informando a posição da GLAAD na indústria televisiva. A principal justificativa para tal iniciativa é o fato de que é possível aprender a cultura e respeitar a diversidade (GOMES, 2007), razão pela qual suas representações devem ser incentivadas.

Os relatórios fornecem dados valiosos para criar uma visão mais precisa das histórias transmitidas pelas emissoras e para trabalhar com redes e criadores de conteúdo ao promover histórias públicas de maneira igual e abrangente envolvendo a comunidade LGBTQIA+ no ecrã. Este relatório é anual e está atualmente em sua 27ª edição. Porém, no site oficial da ONG, a primeira publicação é da temporada 2007-2008 e depois, da temporada 2009-2010 – a partir deste último, todos os anos posteriores podem ser acessados.

Assim, este estudo de caráter exploratório, se concentrou nos relatórios sobre diversidade nas séries estadunidenses, denominadas *Where Are We on TV*, produzidas pela GLAAD. Estes consideram as séries a cabo do período de 2007-2008 até 2022-2023. Nossa análise procurou evidenciar como ocorre a representação das sexualidades e dos gêneros nas séries estadunidenses no recorte temporal tratado nos relatórios. Por meio de nossas análises, percebe-se que há um aumento da representatividade LGBTQIA+ nas séries, porém, sem um equilíbrio. Os homens gays cisgêneros desde 2007 até 2023 são predominantes nas representações da comunidade, o que mostra que ainda há muito o que melhorar para que as pessoas LGBTQIA+ se sintam mais representadas.

### **Identidade da comunidade LGBTQIA+**

Segundo o teórico Stuart Hall (1997), a diversidade cultural é um fenômeno que vai além dos processos de identificação de grupos semelhantes, e é o resultado de encontros, interações e entendimentos mútuos. Essa visão está alinhada com teorias interculturais e antropológicas que destacam a importância das diferenças se manifestarem de maneira desigual. Na perspectiva sociológica, que considera a cultura como algo social e coletivo, a cultura não é vista como uma herança intrínseca ao indivíduo, mas como algo que se aprende ao se tornar membro de um grupo cultural.

A política de identidade é uma forma de afirmar e defender a individualidade cultural de grupos marginalizados ou oprimidos. Movimentos como o ativismo negro, o

feminista e o LGBTQIA+ ampliaram essas noções políticas e ressaltaram a influência da cultura da mídia na formação (KELLNER, 1995; GRIPSRUD, 2002), na percepção e na legitimação de padrões e de modelos sociais relacionados a gênero, moralidade, beleza e sucesso.

Em cenários ativistas do movimento LGBTQIA+, são frequentes as discussões sobre identidade de gênero, orientação sexual, heteronormatividade e interseccionalidade. Neste contexto, conforme destacado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (2020, p. 21), a identidade de gênero “é como reconhecemos o nosso gênero, que não necessariamente corresponde ao sexo biológico<sup>4</sup>. Alguns exemplos: mulher (cis, trans e travesti<sup>5</sup>), homem (cis e trans) e pessoas não-binárias<sup>6</sup> (agênero, bigênero, gênero fluido)”.

Ainda de acordo com a Associação (2020, p. 20), a orientação sexual é a “capacidade de cada pessoa de ter atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas”.

As orientações sexuais reconhecidas são: heterossexuais, apenas aqueles que se sentem atraídos por indivíduos cuja identidade de gênero é diferente da sua; gays, associados principalmente a homens que estão envolvidos com outros homens; lésbicas, muitas vezes envolvendo mulheres que estabelecem relações com outras mulheres; pansexuais, incluindo aqueles que se sentem atraídos por indivíduos independentemente da sua identidade de gênero.<sup>7</sup>

No entanto, o manual apresenta definições desatualizadas dos termos assexualidade e bissexualidade. Por exemplo, o Manifesto Assexual considera assexualidade como a ausência ou escassez de atração sexual, ocorrendo sob condições específicas, se houver. No caso dos bissexuais, segundo as Nações Unidas, refere-se a pessoas que se sentem atraídas por indivíduos de gêneros múltiplos.

---

<sup>4</sup> Condição biológica natural, baseada nas características físicas que uma pessoa apresenta ao nascer. Podem ocorrer com a identificação biológica como masculino, feminino ou intersexo (BRASIL, 2009).

<sup>5</sup> Cisgênero corresponde ao sexo biológico e transgênero não corresponde. Travesti nasce com o sexo masculino mas assume papéis de gênero (da mulher) diferentes dos impostos socialmente. (BRASIL, 2018).

<sup>6</sup> Pessoa que não se identifica com o gênero feminino ou masculino. É possível se identificar com algo entre ambos ou completamente diferente (MATTOS, 2019).

<sup>7</sup> Conforme o manual digital divulgado pelo Ministério de Direitos Humanos.

Em consequência, a heteronormatividade se estabelece quando exigimos que todos os indivíduos sejam heterossexuais, tornando-se a norma social que organiza nossas vidas. Essa norma, conforme Butler (1990) e Connell (2005), cria padrões a serem seguidos e proibições contra sua violação. As culturas heteronormativas desempenham um papel fundamental nas percepções discriminatórias da realidade defendidas por teóricos sociológicos e de gênero. As narrativas sociais e midiáticas têm um impacto profundo na formação da identidade e na aprendizagem coletiva, influenciando a forma como interagimos com diferentes grupos sociais.

Além disso, conforme a teórica feminista Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177), interseccionalidade é

[...] uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

O respeito à diversidade cultural e o reconhecimento das identidades de grupos marginalizados são temas discutidos em conferências internacionais, como a Assembleia Geral da UNESCO. Esses tratados visam promover a proteção e a promoção da diversidade cultural como um patrimônio comum da humanidade e representam um avanço simbólico em direção a um mundo mais aberto, criativo e democrático (UNESCO, 2002).

O cinema e a televisão possuem o poder de disseminar e moldar a cultura popular, sustentando e desafiando os padrões heteronormativos e conservadores da sociedade. Esses meios de comunicação fornecem recursos, informações e experiências que estimulam a reflexão e a ressignificação dos outros e de nós mesmos. Como relatam Kellner (1995) e Hall (1997), o audiovisual tem o potencial de aumentar a conscientização, gerar empatia e permitir que as pessoas experimentem a diversidade da experiência humana.

## Séries estadunidenses

As séries de televisão tiveram um formato popular desde que foram lançadas na década de 1950. Criada nos Estados Unidos, segundo o pesquisador Ben Singer (2001), a série pode ser compreendida na categoria mais ampla de “melodrama de sensação” que inclui diversos subgêneros. Elas demonstram a capacidade de contar histórias de forma autônoma, mantendo personagens e cenários comuns ou estabelecendo conexões mais proeminentes entre os episódios, especialmente por meio dos momentos de suspense e perigo ao final, que proporciona um gancho para o próximo episódio. A partir da década de 1950, a televisão estadunidense passou a se dedicar às produções de ficção seriada e, desde então, tornou-se uma de suas principais atividades.

Essas produções têm desempenhado um papel de destaque na indústria do entretenimento e na cultura global. Desde os primeiros dias da televisão, suas séries têm sido reconhecidas pela qualidade narrativa, pelo alto padrão de produção e pela habilidade de envolver o público em tramas complexas e personagens fascinantes (WASKO, 2003).

Elas exercem uma influência profunda na cultura popular, tanto dentro como fora do país. De acordo com um estudo conduzido por Jenkins et al (2003), séries como "Friends", "Breaking Bad" e "Game of Thrones" se tornaram fenômenos globais, gerando discussões e comunidades de fãs dedicados. Seus personagens, diálogos e enredos se tornaram parte do vocabulário e das referências populares, evidenciando o impacto cultural que elas têm nas audiências.

Além disso, as séries desempenham um papel fundamental na promoção da representatividade e da diversidade na mídia. Segundo Gray (2019), ao longo dos anos, houve uma evolução na oferta de personagens e de histórias que representem diferentes grupos étnicos, sociais, de gênero e LGBTQIA+. Produções como "Orange is the New Black", "Pose" e "Black-ish" têm recebido elogios pela sua abordagem inclusiva, desafiando estereótipos e ampliando a visibilidade de comunidades historicamente sub-representadas.

A representação LGBTQIA+ nas séries de televisão a cabo dos Estados Unidos está em evolução constante, refletindo as mudanças sociais do país e o impacto da mídia na percepção do público. No início da televisão, esta representação era praticamente inexistente devido às normas conservadoras da sociedade e da indústria do entretenimento, muitas vezes desprezadas e estigmatizadas. Esta marginalização leva a

estereótipos negativos e personagens caricatos, muitas vezes retratados como vilões ou piadas. Além disso, a censura sempre foi uma preocupação com muitos temas LGBTQIA+ considerados inadequados na televisão.

Contudo, durante as décadas de 1970 e 1980, a representação LGBTQIA+ nas séries de televisão a cabo aumentou gradualmente. Um marco importante foi a série "Soap" (1977-1981), que apresentava um personagem assumidamente gay – embora tenha causado muita polêmica na época. Este foi um passo importante em direção à representação LGBTQIA+ na televisão (BIGELOW, 2014).

A partir da década de 1990, começou a ter uma expansão significativa, desafiando as normas tradicionais e alcançando um público mais numeroso. Porém, mesmo com esses avanços, era muitas vezes limitada a personagens cisgêneros brancos, constatando a necessidade de uma representação mais diversa (ZWAAN e DUFFETT, 2016).

No século XXI, os personagens LGBTQIA+ tornaram-se mais diversos e inclusivos. "The L Word" e "Orange is the New Black" são exemplos de séries que apresentaram as vidas e as experiências de maneiras mais acentuadas e naturais, rompendo com os estereótipos e abordando questões relevantes como discriminação, consentimento e saúde mental. Além disso, os personagens transgêneros tiveram mais destaque em séries como "Pose", que abordou narrativas particulares deste grupo e contribuiu para uma maior conscientização e entendimento (COSTA NETO, 2020).

Na atualidade, as séries disponíveis na televisão a cabo estadunidense permanecem ultrapassando os limites da representação LGBTQIA+. Os personagens são constantemente inseridos nas histórias de forma autêntica e significativa, refletindo uma sociedade mais inclusiva e tolerante. No entanto, alguns desafios permanecem, incluindo a necessidade de representar uma variedade de identidades e de experiências vivenciadas pela comunidade.

### **Análise da representação na televisão a cabo**

A análise deste estudo constituiu-se no agrupamento de dados obtidos a partir de gráficos relacionados à representação da comunidade LGBTQIA+ em séries estadunidenses de televisão a cabo, conforme apresentados nos relatórios intitulados

*Where We Are on TV*<sup>8</sup>, produzidos pela GLAAD entre os períodos 2007-2008 e 2022-2023. Para tanto, foi criada uma planilha para categorizar os dados por identidade de gênero e orientação sexual dos personagens. Além disso, foram gerados gráficos individuais para cada grupo em intervalos de 4 anos para examinar as mudanças na representação ao longo do tempo<sup>9</sup>.

No primeiro intervalo analisado (2007-2008 a 2010-2011), houve 269 personagens LGBTQIA+. Os homens predominaram com uma média de 62% ao longo dos anos. As personagens femininas incluem 38% dos personagens. Vale ressaltar que houve uma pequena disparidade entre homens e mulheres entre 2007-2008 e 2008-2009, que não persistiu nos anos subsequentes. Historicamente, os homens são favorecidos na televisão, uma vez que seu papel social é visto como mais importante pela sociedade patriarcal. Aliás, a equipe de produção é majoritariamente composta por homens, o que contribui para um maior número de personagens masculinos.

Além disso, identificou-se a presença de um homem transgênero em três períodos e somente em 2009-2010 esse fenômeno não ocorreu. As mulheres trans foram representadas em 2008-2009 e 2009-2010, com duas personagens em cada um desses períodos. Um personagem *crossdresser*<sup>10</sup> também foi catalogado durante o primeiro ano.

Segundo uma pesquisa realizada pela Autostraddle<sup>11</sup>, as mulheres lésbicas ou bissexuais sofreram com as mortes de 6 personagens durante este ciclo. Esse dado retrata a falta de finais felizes do grupo e gera preocupação sobre a representação negativa de mulheres sáficas<sup>12</sup>.

---

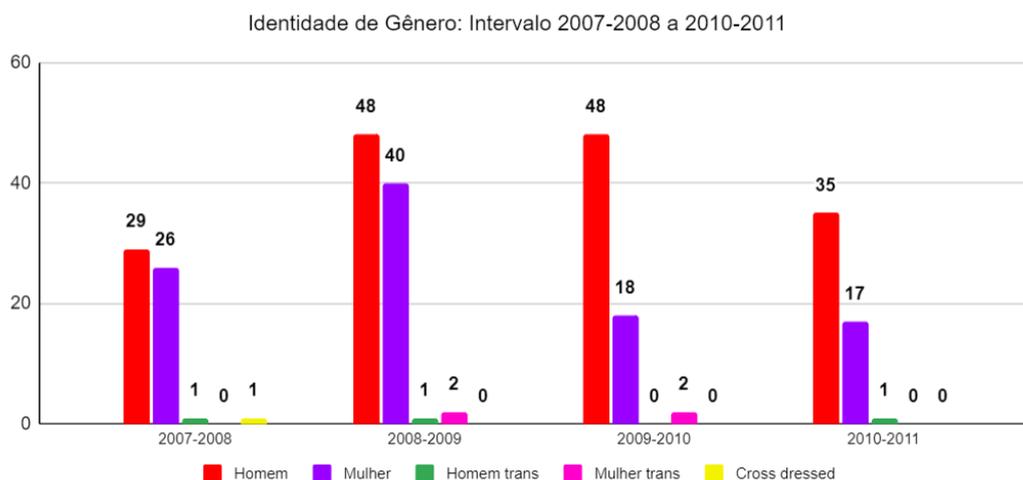
<sup>8</sup> Disponível em: <<https://glaad.org/?s=where+we+are+on+tv+report>>.

<sup>9</sup> Vale ressaltar que não foi possível coletar o nome das séries por meio dos relatórios, pois essa listagem ocorreu apenas até o período 2014-2015. Além disso, não houve registros sobre o gênero das séries.

<sup>10</sup> Indivíduo que ocasionalmente se produz ou utiliza vestimentas e acessórios associados ao gênero contrário à sua identificação pessoal.

<sup>11</sup> Publicação digital e comunidade da vida real para múltiplas gerações de LGBTQIA+ (e seus amigos).

<sup>12</sup> Termo que se refere a mulheres que se relacionam com outras mulheres, não necessariamente de forma exclusiva.

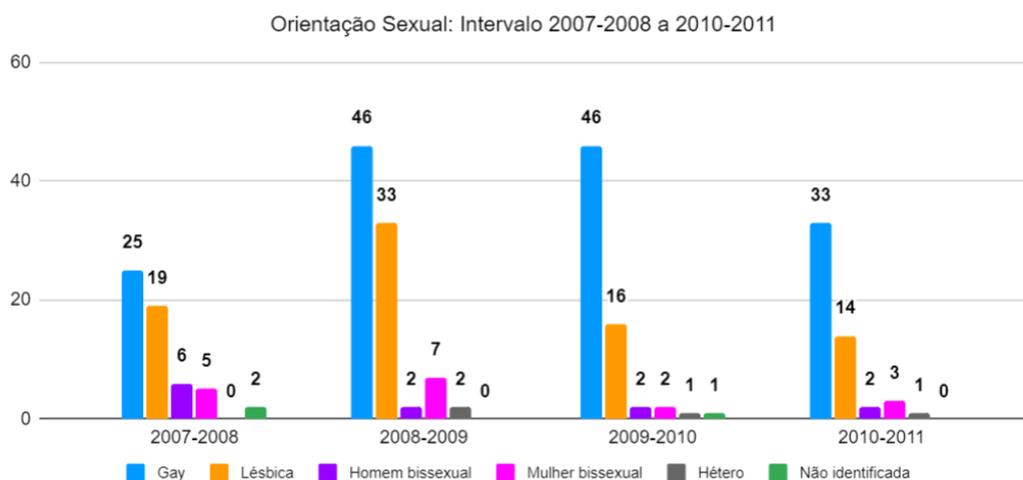


Fonte: Autoria própria (2023).

Em termos de orientação sexual, os gays dominam, com uma média de 56% (de 269) ao longo dos anos. Em segundo lugar estão as lésbicas, com 30%. No que diz respeito à representação da bissexualidade, existe quase um equilíbrio entre os gêneros binários<sup>13</sup>, com 6% para as mulheres e 5% para os homens. Ressalte-se que nos dois últimos períodos deste intervalo a presença de personagens gays foi mais do que o dobro da presença de lésbicas.

Além disso, em 2008-2009, o número de mulheres bissexuais quase triplicou o número de homens – período ao qual este último foi reduzido em 4 personagens. Ainda, nos anos 2007-2008 e 2009-2010, personagens com sexualidade não identificada foram registrados, com dois e um casos, respectivamente. Em 2008-2009, houve dois personagens heterossexuais e nos dois últimos períodos tiveram apenas uma dessa representação.

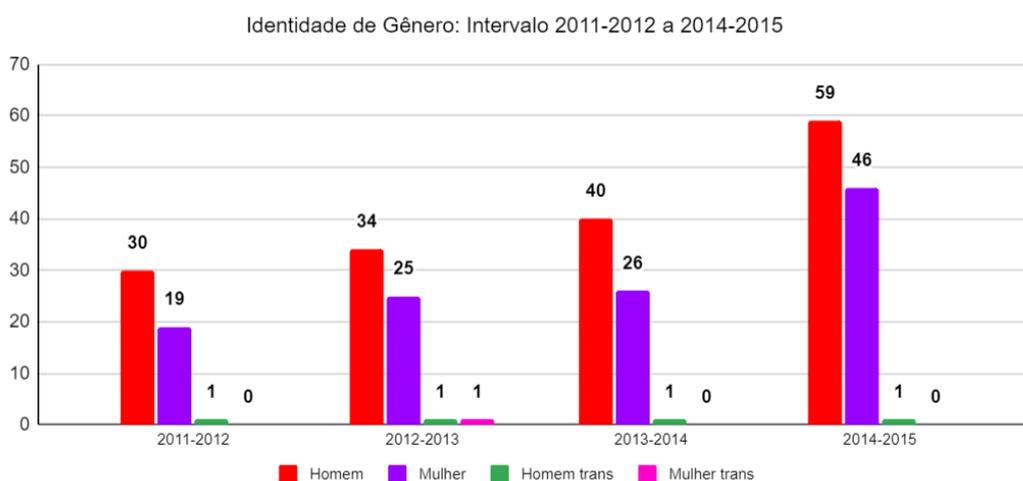
<sup>13</sup> Homens e mulheres



Fonte: Autoria própria (2023).

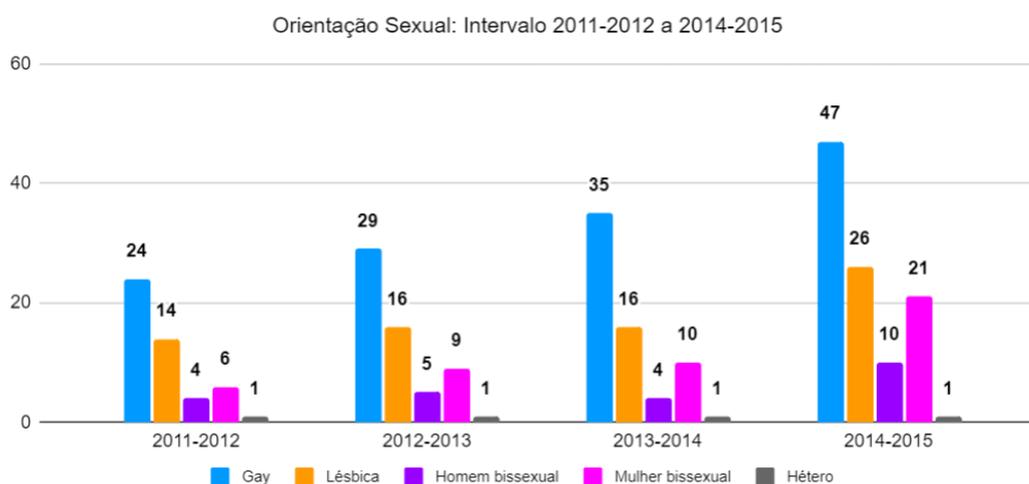
No segundo intervalo do estudo (2011-2012 a 2014-2015), houve 284 personagens LGBTQIA+. Os homens foram mais dominantes, representando cerca de 57% dos personagens, em média. Enquanto isso, as mulheres representam cerca de 40%. Além disso, foi observada a presença de um homem transgênero em todos os períodos deste ciclo. Por outro lado, apenas em 2012-2013 houve a representação de uma mulher trans. Este dado sinaliza que há uma carência de narrativas particulares de pessoas trans, principalmente mulheres, o que dificulta a conscientização e o entendimento sobre este grupo.

De acordo com a Autostraddle (2023), durante este ciclo houve 20 mortes de mulheres lésbicas ou bissexuais, o que é um número preocupante para um período de 4 anos.



Fonte: Autoria própria (2023).

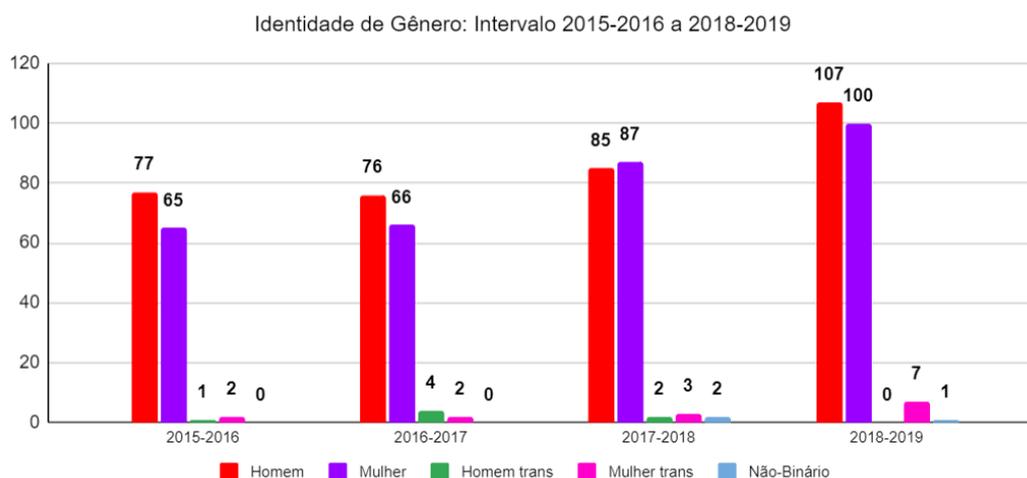
Em termos de diversidade de orientação sexual, os homens gays assumiram a liderança por mais um intervalo, mantendo uma média de 49% (de 284) ano após ano. Na ordem, encontram-se as lésbicas, com 26%, seguidas das mulheres bissexuais, com 15%, e dos homens bissexuais, com 8%. Além disso, houve um aumento notável na representação de personagens bissexuais neste ciclo, de 10 personagens no primeiro ano para 31 no ano final. Há também a presença de uma pessoa hétero em todos os momentos neste intervalo.



Fonte: Autoria própria (2023).

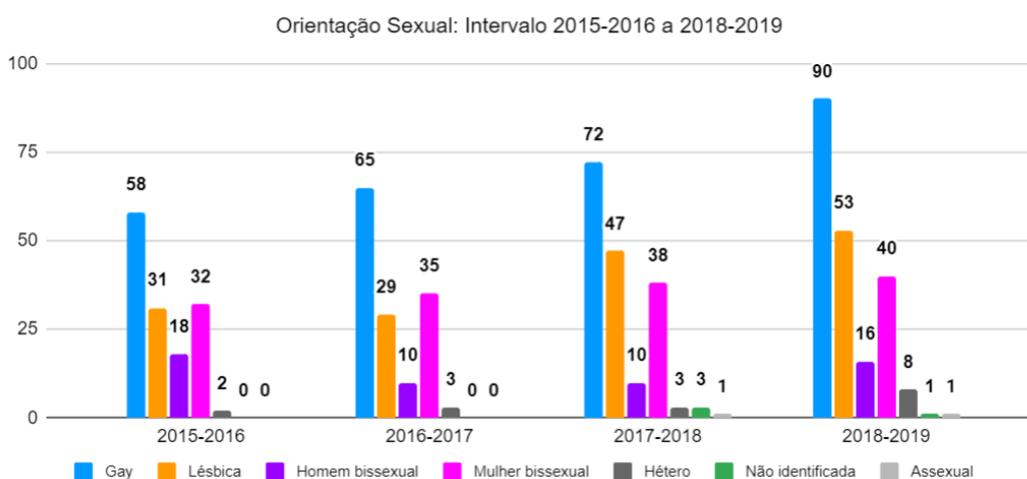
No terceiro intervalo (2015-2016 a 2018-2019), houve 666 personagens LGBTQIA+. Os homens tiveram uma média de 52% das representações e as mulheres 48%, o que significa a menor diferença registrada até o momento. Vale ressaltar que em 2017-2018, o número de personagens femininas foi maior do que o de masculinos.

Além disso, a representação de mulheres trans apresentou uma crescente, de dois personagens nos primeiros períodos, para três no terceiro, e sete no último. Os homens trans mostraram um aumento de um para três personagens em 2016-2017 e uma queda nos anos posteriores, não tendo nenhuma representação no último ano. As pessoas não-binárias apareceram apenas em 2017-2018, com dois personagens, e sofreu uma queda em 2018-2019, para apenas um.



Fonte: Autoria própria (2023).

Em relação à diversidade sexual, os gays continuam liderando com uma média de 43% (de 666) ao longo do tempo. Em segundo lugar, ficaram as lésbicas com 24%, seguidas das mulheres bissexuais com 22%. Os homens bissexuais representaram uma média de 8% e os heterossexuais, 2%. Destaca-se uma maior quantidade de mulheres bissexuais em relação às lésbicas nos dois primeiros períodos, o que é um marco inédito. Além disso, em 2017-2018, registrou-se a presença de 3 personagens com orientação sexual não identificada e um assexual - este último pela primeira vez na história. Em 2018-2019, registrou-se uma pessoa sem orientação identificada e um assexual.



Fonte: Autoria própria (2023).

Uma informação interessante de se analisar é a quantidade de representações que não voltaram para o período seguinte, porque as séries foram canceladas ou os personagens foram descartados. Em 2015-2016, o número de desfechos foi de 17

personagens. Em 2016-2017, a quantidade foi de 10 personagens. Em 2017-2018, o número aumentou para 27 representações. Por fim, o período de 2018-2019 apresentou a maior taxa de desfechos, com um total de 31 personagens.

Dentre todas essas despedidas, segundo a Autostraddle (2023), as mulheres lésbicas ou bissexuais sofreram com 33 mortes – o maior número registrado até o momento. Com as mortes do terceiro ciclo e um aumento de 20 personagens no período 2015-2016, houve um aumento significativo na pesquisa sobre “Bury your Gays”<sup>14</sup> no Google, segundo o serviço de notícias 7NEWS. Além disso, a partir dessa busca nasceu o chamado “Dead Lesbian Syndrome”<sup>15</sup>.

Segundo Hulan (2017), “Bury your Gays” é um tropo narrativo que se originou no final do século XIX, ganhou maior atenção no início do século XX e ainda permanece na mídia atual. Este padrão afirma que, em uma obra narrativa sobre um casal romântico do mesmo gênero, um dos amantes deve morrer ou ser destruído antes do final da história. Já a chamada “Dead Lesbian Syndrome” é um desdobramento lésbico deste tropo, que sugere um desfecho trágico para personagens sáficas (HINOJOSA, 2022).

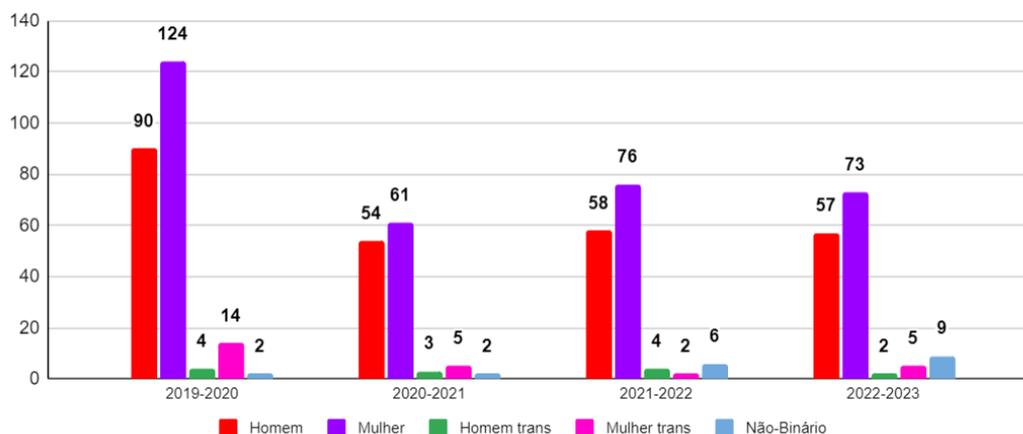
No último intervalo analisado (2019-2020 a 2022-2023), houve 612 personagens LGBTQIA+. A representação feminina liderou em todos os anos, com uma média de 54%, pela primeira vez na história. Os homens ficaram com 42%. Em relação à representação de homens transgêneros, houve uma constante entre dois e quatro personagens. As mulheres trans sofreram uma grande queda, perdendo sete personagens em 2020-2021, e três em 2021-2022. O número voltou a subir no último ano, voltando à marca de cinco representações. As pessoas não-binárias apresentaram um acréscimo considerável, começando com dois personagens no primeiro período e chegando a nove no último.

---

<sup>14</sup> “Enterre seus Gays”.

<sup>15</sup> “Síndrome da Lésbica Morta”.

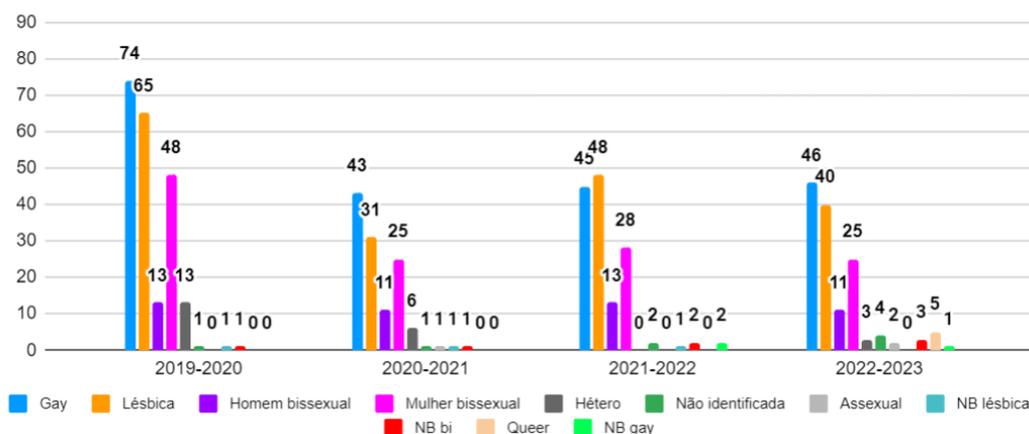
Identidade de Gênero: Intervalo 2019-2020 a 2022-2023



Fonte: Autoria própria (2023).

Em relação à diversidade sexual, os gays continuam à frente, com uma média de 33% (de 612). Em seguida, com 29%, ficaram as lésbicas. Este intervalo apresentou a menor disparidade entre gays e lésbicas, de apenas 4 pontos percentuais. As mulheres bissexuais tiveram 20% das representações, os homens bissexuais, 8%, e os héteros, 3%. Além disso, este foi o único intervalo em que teve pessoas não-binárias lésbicas, gays e bissexuais. Os registros de personagens assexuais foram em 2020-2021, com uma representação, e em 2022-2023, com duas. No último ano, cinco pessoas queer foram identificadas.

Orientação Sexual: Intervalo 2019-2020 a 2022-2023



Fonte: Autoria própria (2023).

Neste intervalo também houve vários personagens descartados ou séries canceladas. Em 2019-2020, o número de desfechos foi de 48 representações. Essa quantidade teve uma diminuição para 16 personagens em 2020-2021. No período 2021-2022, constaram 26 personagens que tiveram suas histórias interrompidas e outros 12 que

voltariam no próximo ano para uma temporada final. No último ano, o número de desfechos foi o maior não só deste ciclo, mas também dos registros do relatório, com um total de 49 personagens. Dentre todas essas despedidas, o estudo da Autostraddle (2023) mostra que houve a morte de 9 mulheres lésbicas ou bissexuais.

## Conclusões

Este estudo revela diversos padrões e adversidades relevantes a respeito da representação da comunidade LGBTQIA+ nas séries de emissoras a cabo dos Estados Unidos. Os dados fornecem uma vasta perspectiva do avanço ao passar dos anos, salientando a necessidade de acompanhar e debater as representações televisivas.

A televisão desempenha um papel essencial como influência cultural para diversas pessoas. Não se pode negar que o seu domínio sobre outras formas de cultura e as limitações associadas no acesso às atividades culturais tradicionais e às interações sociais têm um impacto significativo na forma como as pessoas se conhecem e se reconhecem. Na verdade, a televisão é, sem dúvida, o principal meio de comunicação responsável por delinear os arranjos culturais mais recentes da nossa sociedade (LOPES, 2004).

Nota-se que os personagens masculinos cisgêneros predominaram ao longo dos ciclos, com uma média de 62% no primeiro intervalo e 57% no segundo. Esta diferença diminuiu gradualmente no terceiro ciclo, com uma diferença menor entre os gêneros, mas os homens ainda dominam com 52%. Tais discrepâncias podem contribuir para a percepção equivocada dos telespectadores de que a experiência cis masculina é a mais significativa.

Já no intervalo final, houve uma mudança relevante em que as mulheres assumiram a liderança pela primeira vez na história da televisão a cabo, correspondendo a 54% das representações. Apesar de tardia, essa é uma mudança positiva, que sinaliza uma resposta à demanda de uma representação mais equitativa. Porém, ressalta-se a importância de ter mais personagens transgêneros e não-binários, uma vez que ainda são grupos muito inviabilizados e suas representações auxiliariam na maior conscientização e entendimento da sociedade em relação a eles.

Em termos da diversidade sexual, os personagens gays foram mais recorrentes em todos os ciclos, o que pode reforçar incompreensões sobre a complexidade e a amplitude das experiências particulares de cada identidade sexual presente na comunidade. Todavia,

vale ressaltar o aumento significativo da representação de personagens bissexuais ao longo dos anos, com uma propensão de equidade entre os gêneros binários, apresentando uma maior inclusão de identidades sexuais no ecrã.

Aliás, há a necessidade de uma maior presença de outras orientações sexuais, como as pessoas assexuais e queers, que têm suas narrativas apagadas. Essa invisibilidade pode gerar consequências negativas na autoestima dessas pessoas que não se veem representadas nos personagens, contribuindo para o sentimento de isolamento e incompreensão. Portanto, a presença adequada de tais personagens contribuiria para a quebra de estereótipos e estigmas da audiência, assim, colaborando para a visibilidade e o empoderamento dessas pessoas. Além disso, uma maior pluralidade de sexualidades daria às séries uma visão mais abrangente e realista das diversas identidades sexuais presentes na sociedade.

Uma perspectiva alarmante exposta pelo estudo é o elevado número de mortes de mulheres lésbicas ou bissexuais, especialmente entre 2015-2016 e 2018-2019, o que conduziu ao aumento de buscas sobre o tropo “Bury your Gays” no Google e à criação da concepção de “Dead Lesbian Syndrome”. Este padrão desastroso é um apontamento de que a representação LGBTQIA+ nas séries, muitas vezes, vem cercada de estigmas e tragédias. O perpetuamento desses tropos nocivos não só transmitem à sociedade de que as mulheres sáficas estão fadadas a um final infeliz, mas também gera uma relutância do público sáfico de querer se conectar com as personagens e acompanhar suas narrativas. Além disso, essas tragédias podem impactar negativamente a saúde mental do público que se identifica com as personagens, contribuindo para sentimentos de ansiedade e depressão.

Destaca-se também o problema das séries canceladas ou dos personagens abandonados, com resultados significativos em todos os intervalos. Estas mudanças na história podem impactar negativamente a representação e a pluralidade da comunidade LGBTQIA+ na televisão, além de impossibilitar a oportunidade dessa público de acompanhar personagens e histórias com as quais se conectam emocionalmente. Tais mudanças também podem gerar consequências negativas para a saúde mental dos telespectadores que se identificam com as narrativas.

Um ponto importante a mencionar é a forma como o contexto sociopolítico estadunidense pode ter impactado significativamente na representação LGBTQIA+. Em 2015, houve um aumento considerável de personagens, coincidindo com a legalização do

casamento homoafetivo. Na mesma época, a busca e a conscientização sobre o tropo “Bury Your Gays” também aumentou. Entre 2017 e 2020, a diversidade LGBTQIA+ teve um crescimento expressivo, sobretudo devido ao ativismo político em oposição à administração do Governo Trump. Nesse período, o intenso debate social foi refletido nas narrativas das séries. Em 2020-2021, a representação diminuiu consideravelmente como reflexo da produção televisiva ter sido interrompida devido à crise da COVID-19.

Além disso, as plataformas de streaming também podem influenciar a representação LGBTQIA+ na televisão a cabo estadunidense. Uma razão para isso é a incessante disputa de audiência entre as redes, que provoca a inclusão de personagens LGBTQIA+ para atrair mais telespectadores. Aliás, a liberdade criativa do streaming pode inspirar abordagens mais originais e inovadoras das emissoras ao proporcionarem narrativas mais condizentes às percepções socioculturais da sociedade e às experiências reais da comunidade LGBTQIA+, resultando em uma maior conexão emocional aos personagens.

Este estudo revela a dinâmica complexa da representação LGBTQIA+ nas séries de TV a cabo estadunidense. Com o tempo, há grandes mudanças, desde o domínio inicial de homens cisgêneros até a recente ascensão das mulheres como protagonistas. No entanto, permanecem lacunas significativas na inclusão de personagens trans, não-binários e de outras orientações sexuais. Ainda, destaca os efeitos negativos de tropos como “Bury Your Gays”, que reforçam o preconceito e afetam a saúde mental do público. As mudanças repentinas nas séries, seja por cancelamento ou abandono de personagens, demonstram a fragilidade da representação LGBTQIA+ e prejudicam a conexão emocional do público com a narrativa. Além disso, o cenário da representação está ligado ao contexto sociopolítico da época e reflete momentos de progresso e retrocesso. Da mesma forma, a ascensão do streaming se faz presente nas influências deste cenário. Portanto, o ativismo, a conscientização e a exigência por uma representação legítima são cruciais para moldar um futuro televisivo que enalteça verdadeiramente a diversidade e promova o entendimento das experiências LGBTQIA+ na sociedade.

## Referências

**Associação Nacional de Travestis e Transexuais.** Associação Nacional de Travestis e Transexuais. Disponível em: <<https://antrabrazil.org/cartilhas/>>. Acesso em: 25 Out. 2023.

BIGELOW, Brittnie. **Jodie Dallas has left the closet: Television First Regularly Occurring Gay Male Character and What He Had to Say About His Time.** Estados Unidos: Western Washington University, 2014.

BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity.** Nova York: Routledge, 1990.

CONNELL, Raewyn. Globalization and Business Masculinities. In: **Handbook of Studies on Men and Masculinities.** Londres: Sage, 2005, p. 247-364.

COSTA NETO, Olávio Bento. **Queerness em tela: representações da performatividade LGBTQ+ no audiovisual a partir do seriado Pose (2018).** 2020. 99 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. DOI <<http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.370>>.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171–188, 2002.

**Declaração Universal sobre a diversidade cultural - Unesco.** iParadigma. Disponível em: <<https://iparadigma.org.br/biblioteca/declaracao-universal-sobre-a-diversidade-cultural-unesco/>>. Acesso em: 25 Out. 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber.** 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

**GLAAD History and Highlights.** GLAAD | GLAAD rewrites the script for LGBTQ acceptance. Disponível em: <<https://www.glaad.org/about/history>>. Acesso em: 25 Out. 2023.

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade e currículo.** Brasil/MEC, Brasília, 2007.

GRAY, Jonathan; LOTZ, A. D. **Television studies.** Cambridge, UK; Medford, Ma: Polity, 2019.

GRIPSRUD, Jostein. **Understanding media culture.** Londres: Bloomsbury Publishing, 2002.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do "popular". In: **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Liv Sovik (org); Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p. 247-264.

HALL, Stuart. The work of representation. In: **Representation: cultural representations and signifying practices.** Londres: Sage Publications Limited, 1997.

HATCHER, Lucy. Why does TV keep killing off gay characters? **7NEWS**, 2022. Disponível em: <<https://7news.com.au/entertainment/why-does-tv-keep-killing-off-gay-characters-c-6521673>>. Acesso em: 25 Out. 2023.

HINOJOSA, Encarni. **Dead lesbian syndrome is very much alive**. Sur in English. Disponível em: <<https://www.surinenglish.com/six/dead-lesbian-syndrome-20220520184705-nt.html>>. Acesso em: 25 Out. 2023.

HULAN, Haley. **Bury your gays: history, usage, and context**. ScholarWorks@GVSU. Disponível em: <<https://scholarworks.gvsu.edu/mcnair/vol21/iss1/6/>>. Acesso em: 25 Out. 2023.

JENKINS, Henry; THORBURN, David. **Democracy and new media**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2003.

KAUR, Harmeet. 40 years ago, the first cases of AIDS were reported in the US. **CNN**, 2021. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2021/06/05/health/aids-40-anniversary-first-reported-cases-trnd/index.html>>. Acesso em: 25 Out. 2023.

KELLNER, D. **Media culture: cultural studies, identity and politics between the modern and the postmodern**. London; New York: Routledge, 1995.

LIVRES & IGUAIS, N. U. **Bissexualidade**. Nações Unidas Livres & Iguais, 2023. Disponível em: <<https://www.unfe.org/wp-content/uploads/2023/09/PT-Bisexual-fact-sheet.pdf>>. Acesso em: 25 Out. 2023.

LOPES, M. I. V. **Telenovela: internacionalização e interculturalidade**. SP: Loyola, 2004.

**Manifesto Assexual**. Manifesto Assexual. Disponível em: <<https://manifesto-ace.carrd.co/#pag2>>. Acesso em: 25 Out. 2023.

REIS, Toni. **Manual de comunicação LGBTI+**. 2a ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/GayLatino, 2018.

RIESE. **All 230 dead lesbian and bisexual characters on tv, and how they died**. Disponível em: <<https://www.autostraddle.com/all-65-dead-lesbian-and-bisexual-characters-on-tv-and-how-they-died-312315/>>.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

VOGEL, Erin; ROSE, Jason; ROBERTS, Lindsay; ECKLES, Katheryn. Social comparison, social media, and self-esteem. **Psychology of Popular Media Culture**, v. 3, n. 4, p. 206–222, 2014.

WASKO, Janet. **How Hollywood works**. Londres: Sage, 2003.

**Where We Are on TV Report**. GLAAD. Disponível em: <<https://glaad.org/?s=where+we+are+on+tv+report>>. Acesso em: 25 Out. 2023.

ZWAAN, K.; DUFFETT, M. New Directions in Music Fan Studies Editorial Introduction. **IASPM@Journal**, v. 6, n. 1, p. 1-6, 7 nov. 2016.